

ARQUEOLOGIA FORENSE¹

John Hunter ²

RESUMO

Este artigo apresenta as principais questões relacionadas com a contribuição da arqueologia na investigação criminal. A arqueologia forense está relacionada com a aplicação da teoria, métodos e técnicas arqueológicos em procedimentos de investigação dentro de cenas de crimes modernos ou em contextos arqueológicos. Perguntas sobre a presença de uma deposição mortuária ou enterro de natureza arqueológica ou criminal, ou sem interesse forense, fazem parte de um problema. Descobertas fortuitas de poços ou durante investigações forenses pode resultar em vestígios de crimes atuais ou enterramentos pré-históricos e o propósito da arqueologia é responder a estas perguntas, escavando e compreendendo os processos de formação do depósito arqueológico ou forense. O autor apresenta estas duas situações diferentes e suas questões-chave sob a forma de capítulo para um manual de arqueologia forense em andamento.

Palavras-chave: arqueologia forense; investigação criminal; métodos arqueológicos; enterros humanos; cenas de crime.

ABSTRACT

This article presents the main issues related to the contribution of archaeology in criminal investigation. Forensic archaeology is related to the application of the archaeological theory, methods and techniques in investigative procedures within modern crime scenes or in archaeological contexts. Questions about the presence of a burial of archaeological or criminal nature, whether or not forensic interest, represent a problem. Fortuitous discoveries of pits or during forensic investigations can result in remaining current crimes or prehistoric burials and purpose of archeology is to answer these questions by digging and understanding of the formation processes of the archaeological or forensic deposit. The author presents these two different situations and their key issues, presenting a chapter of a manual of forensic archaeology in progress.

Keywords: Forensic archaeology; Criminal investigation; Archaeological methods; Human burials; Crime scenes.

¹Tradução de Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva. Departamento de Arqueologia, UFPE

² Instituto de História Antiga e Arqueologia, Universidade de Birmingham, Reino Unido.

Este texto analisa o papel da Arqueologia Forense na investigação criminal. Apresenta os principais parâmetros para que os policiais e outros envolvidos na investigação dos locais de crime possam obter provas a partir de remanescentes humanos enterrados. Ele considera duas situações comuns que podem ocorrer no que diz respeito à descoberta desses remanescentes e dá conselhos a respeito dos procedimentos mais adequados. Em ambas as situações, a presença de um arqueólogo forense experiente é desejável. Este texto também apresenta e discute as teorias básicas que sustentam a Arqueologia, em parte, a fim de proporcionar conhecimento sobre a forma como os arqueólogos lidam com o tipo de prova que eles podem estar procurando e, em parte, para propiciar um certo grau de “autoajuda” nas circunstâncias onde um arqueólogo não está disponível.

98

A Arqueologia Forense se preocupa com a aplicação da teoria arqueológica na investigação de locais de crime modernos, nos quais as evidências arqueológicas podem ser apresentadas como provas em um tribunal (HUNTER *et al.*, 1995; HUNTER e COX, 2005). Em grande medida, isso vai envolver a investigação de enterramentos clandestinos, com a adaptação de técnicas arqueológicas conhecidas (fotografia aérea, geofísica, prospecção por varredura sistemática em campo, entre outros), a fim de localizar locais de ocultação de cadáveres e o emprego de estratégias de escavação para recuperar remanescentes humanos. Certos contextos de crime apresentam outros tipos de restos enterrados que podem ser prospectados e escavados, como drogas, armas de fogo e armas. Os arqueólogos também podem ser solicitados para resolver problemas de cronologia; quando ossos humanos são descobertos durante obras de construção; ou quando ossos desarticulados esparsos ou isolados são encontrados acidentalmente por uma pessoa. Eles também podem ser convidados a participar de exumações judiciais realizadas pela polícia para auxiliar na obtenção de dados *post mortem*. Em outros casos, os arqueólogos foram incorporados no processo de investigação de desastres em massa ou mesmo em locais com remanescentes de incêndios, onde é necessária a análise estratigráfica. Em suma, eles podem estar envolvidos em qualquer assunto relacionado à recuperação de remanescentes humanos enterrados ou acondicionados em recipientes ou de restos mortais que podem ter sido ocultados inidoneamente e que se tornaram parte de uma investigação criminal, requerendo a participação operacional ou opinião de um expert (DUPRAS *et al.*, 2006; CONNOR, 2007). Assim, as duas situações mais comuns de encontro de remanescentes humanos são:

1. A descoberta acidental de remanescentes humanos, que pode ser o resultado de:

- Enterramento criminoso feito por um terceiro.
- Presença de um esqueleto ou pequenos ossos enterrados em subsuperfície.
- Presença de um esqueleto ou pequenos ossos expostos na superfície do solo.

2. A investigação sistemática de supostos enterramentos ou perturbação no solo, locais onde um ato criminoso deliberado pode ter ocorrido.

1. A DESCOBERTA ACIDENTAL DE REMANESCENTES HUMANOS

1.1 QUESTÕES BÁSICAS

A descoberta acidental de restos humanos é rara, mas não é uma ocorrência incomum e geralmente ocorre durante uma construção, drenagem ou escavação em um jardim. Nas áreas litorâneas, restos humanos são por vezes expostos e carreados pela erosão, por tempestades ou movimentação da areia. Na maioria dos casos, ocorre, simplesmente, a descoberta dos ossos, por vezes de forma isolada; mas também pode ocorrer a descoberta de esqueletos completos ou parciais. Tecidos moles também podem se preservar, mas os procedimentos são os mesmos as condições dos enterramentos podem alterar radicalmente a forma como os restos dos seres humanos são preservados, mesmo se eles são muito antigos. Independentemente do estado de preservação desses remanescentes, as primeiras perguntas-chave são:

- Os ossos fazem parte de um esqueleto que estava enterrado?
- Quantos anos têm os ossos?

99

Resolver essas questões inicialmente ajudará a responder perguntas posteriores a respeito da identidade do indivíduo e da legalidade do enterramento encontrado. Os vestígios podem constituir parte de uma cena de crime e não devem ser movidos. Se houver alguma dúvida quanto a saber se os remanescentes ósseos são de animais ou humanos, um especialista, como um antropólogo, deve ser trazido para o local sempre que possível. Em alguns procedimentos investigativos, como na busca de locais de enterros clandestinos, é útil ter um antropólogo físico ou bioarqueólogo como parte da equipe de pesquisa, a fim de discriminar quaisquer ossos de animais recuperados no andamento da pesquisa (BASS, 1992; REICHS, 1998; WHITE, 2000).

1.2 COMPREENDER AS CAMADAS

A chave para entender o trabalho do arqueólogo é entender como a superfície do solo e a subsuperfície são formadas. Muitas pessoas acreditam que o substrato terrestre é formado por um depósito amorfo de solos que mantém a vida das plantas e que fica acima de camadas rochosas geológicas naturais. Em um sentido simples, isso é verdade, mas as partes superiores desses depósitos ocorrem sob a forma de estratos ou camadas específicas, e é nelas que qualquer enterramento criminoso pode ter sido escavado.

As camadas da terra são o resultado de uma série de atividades que ocorreram ao longo do tempo em um lugar particular. Construções arquitetônicas, o trabalho agrícola, o revolvimento ou mesmo o uso da terra pode deixar uma sucessão de camadas características resultantes da reacomodação de materiais, de atividade de fertilização, o nivelamento, a demolição, a descarga ou simplesmente a acumulação persistente de depósitos artificiais em aterros e entulhos. Algumas delas podem ser datáveis através da memória, da consulta de registros escritos ou de outra verificação simples. O mundo natural também tem sua própria maneira de criar camadas através do processo da formação dos solos. Observar as camadas do solo é obter uma espécie de informação sobre o que ocorreu em um determinado lugar ao longo do tempo.

100

Às vezes, as camadas são muito fáceis de identificar através da cor ou propriedades diferentes, mas em outras ocasiões são difíceis de distinguir, pois todas elas podem ter a mesma aparência. Trabalhar o que foram essas camadas individuais (e isso é o que os arqueólogos fazem) torna possível reunir os eventos que essas camadas representam naquele lugar particular. Além disso, devido ao fato de que todas as camadas apresentam uma sequência entre elas (ou seja, são sobrepostas umas sobre as outras), também se torna possível associar as datas relativas aos eventos que ocorreram nas mesmas. Torna-se possível não somente observar as camadas e construir uma informação sobre o que se passou, mas também fornecer uma informação instantânea do tempo durante o qual esses eventos ocorreram. Qualquer pessoa que, em seguida, escave um buraco nessas camadas e enterre alguém, vai criar uma outra camada (a do enterramento) e ao fazê-lo irá alterar as informações sobre o que se passou e irá deixar um novo registro no contexto (Figura 1). Nas áreas rurais, as camadas enterradas podem ser poucas e de profundidade relativamente rasa, a poucos centímetros acima dos alicerces. Entretanto, as áreas urbanas podem ter até dezenas de metros de profundidade, refletindo séculos de atividades e uso. Consequentemente alguns enterros muito antigos podem aparecer perto da superfície, e alguns enterros muito recentes podem estar mais profundos. O exercício aqui é um olhar voltado para essas camadas, identificando o enterramento ou a perturbação que os restos sofreram e verificando como eles estão inseridos em relação às demais camadas do solo. Esse procedimento exige o mínimo de esforço, mas precisa ser realizado por uma pessoa experiente. Os principais pontos a serem lembrados são:

- Todos os locais/cenas têm camadas, incluindo aqueles na parte mais remota do planeta, mesmo que elas não sejam facilmente visíveis para o observador leigo.
- Todos os restos enterrados tem que pertencer a uma camada específica.
- Não existe uma relação direta entre a profundidade e a datação dos restos mortais, simplesmente porque as camadas de terra se acumulam ou são formadas por diferentes processos naturais e humanos ao longo do tempo.

Quando restos humanos são descobertos acidentalmente, eles devem sempre ser deixados no local, a fim de que a sua posição física em relação a essas camadas possa ser registrada. Caso não seja possível deixar esses restos onde foram encontrados ou se tiverem sido movidos por algum motivo, um marcador deve ser colocado mostrando a posição exata em que eles foram expostos durante os trabalhos de construção, a erosão, ou superfície do solo. Para os fins de recolha de provas, é particularmente importante registrar verticalmente a localização dos remanescentes em relação às camadas enterradas. O terreno no qual um cadáver foi enterrado está composto de camadas individuais de solo, e os remanescentes ósseos do mesmo ocupam uma posição exata dentro dessas camadas. Determinar a sua posição exata é fundamental (KILLAM, 1990; HAGLUND e SORG, 1997, 2001).

1.3 É UM ENTERRAMENTO?

A melhor maneira de resolver este problema é deixar os remanescentes exatamente onde eles estão. Caso não esteja claro como são e foram depositadas as camadas e a sua relação com os restos humanos, então é essencial que um arqueólogo forense seja incorporado à equipe, a fim de interpretar as camadas. Preservar o local de crime até que esse profissional possa estar presente poderá evitar problemas futuros. Uma vez que os restos são removidos do solo, sendo extraídos das camadas em que eles foram depositados, uma quantidade substancial de evidências associadas são imediatamente perdidas. Tratando-se de um homicídio, por exemplo, grande parte das provas e da acusação desaparece. A “autoajuda” é um último recurso.

A melhor maneira de identificar se há uma cova ou não é limpar cuidadosamente a face vertical no ponto onde foram encontrados os restos mortais, mas em uma área mais ampla, utilizando um pequeno instrumento, geralmente uma espátula com uma lâmina não maior do que cerca de 10 cm. Qualquer abertura de uma cova irá resultar em um perfil de cova, que será imediatamente aparente no perfil limpo. Esse “corte” aparece como uma variação definida em camadas, como resultado de uma cova escavada, um corpo depositado, e uma sepultura coberta. A Figura 1 dá uma ideia simplificada do aspecto desse corte, mas isso raramente é tão simples assim. A remoção do solo para atingir esse perfil, mesmo em pequenas quantidades, define o andamento do processo de perda de provas e deve ser minimamente mantida. Todo solo removido deve ser registrado quanto às suas respectivas camadas e peneirado.

Uma vez que esse perfil vertical foi aberto e feito um esboço do enterramento identificado, todo o perfil (normalmente chamado de *seção*) será documentado pelo arqueólogo. Esta é uma parte fundamental da evidência que irá ser totalmente destruída quando a sepultura

tiver sido escavada e, finalmente, o corpo recuperado. Um arqueólogo normalmente registra o local por meio de fotografias e desenhos (dimensionado a uma escala de 1:10), indicando claramente a linha de contorno horizontal da sepultura e a sua posição em relação às camadas nas quais foi aberta (ou seja, as camadas anteriores), bem como aquelas que estão na parte de cima da sepultura (ou seja, as camadas posteriores). Quando é possível demonstrar que a cova foi aberta em uma seção com camadas anteriores e posteriores, o enterramento poderá ser recente. A presença de poucas camadas acima da cova pode indicar uma inumação muito recente. Assim, a datação das camadas mais recentes ou mais antigas auxilia na datação do próprio enterramento. A ausência de visualização do contorno da cova indica que o arqueólogo deverá adotar uma nova estratégia para resolver o problema.

102

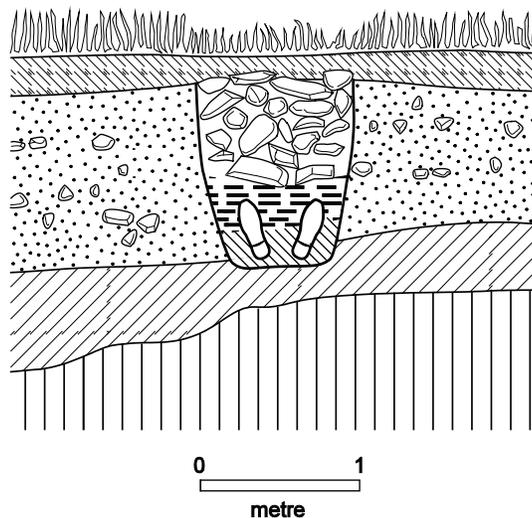


Figura 1: Desenho estilizado do perfil de uma cova.

1.4 ESCAVANDO O ENTERRAMENTO

A escavação do local de uma inumação criminoso deve ser preferencialmente realizada por pessoal treinado, em conjunto com os agentes da investigação criminal; a recuperação dos restos geralmente envolve o patologista forense ou um médico legista ou especialista credenciado. Após o registro fotográfico habitual da cena, a área de superfície em geral terá de ser limpa da vegetação e dos detritos, e um espaço de demarcação planialtimétrica da cova será projetado. Este pode ser tipicamente de 3 x 2 m, de acordo com o suposto eixo do comprimento da cova ou do corpo.

Pode haver camadas que se sobrepõem à cova. Estas serão numeradas e removidas individualmente, peneiradas, todo o material e uma amostra de solo coletados. Essas

camadas não têm qualquer influência sobre o evento criminoso, mas podem servir para datar eventos depois que o túmulo clandestino foi escavado. A parte superior da sepultura irá tornar-se evidente à medida que essas camadas são removidas. Provavelmente as bordas da cova serão claras, e o preenchimento será, possivelmente, de textura e cor diferentes. Apesar de enterros criminosos poderem ocorrer em uma gama de diferentes condições e ambientes, o processo de recuperação segue um caminho bem delineado. Este reconhece que a Arqueologia é um processo destrutivo e que cada operação de recuperação não é repetível. É assim que todo o pessoal na cena do crime se conscientiza desse processo.

Quando ocorre uma ocultação de cadáver sob o solo, são realizadas três atividades principais: a escavação da cova, com retirada do solo; a deposição do corpo na cova; e o preenchimento da mesma. A investigação forense adequada da inumação criminosa segue esse processo na ordem inversa: é removido o solo do enterramento para verificar como a cova estava preenchida; expõe-se o corpo a fim de mostrar a maneira pela qual a pessoa foi morta; retira o corpo e, posteriormente, identifica-se como a cova foi escavada.

Na escavação, é fundamental manter íntegro o enterramento e torná-lo visível para ter certeza de que, durante a escavação das camadas de preenchimento da cova, o cuidado foi tomado para preservar as bordas, os lados e a base da mesma. A evidência forense disponível para o bom andamento da investigação forense encontra-se dentro da cova e em nenhum outro lugar. As perguntas que o antropólogo forense ou o patologista tentará responder pertencem ao intervalo desde a morte à identidade ou à causa da morte e podem ser mais facilmente respondidas se a escavação for realizada corretamente. A escavação identifica os limites físicos que delimitam os restos humanos e materiais associados encontrados, e é o solo dentro da cova que contém qualquer evidência, relacionando o corpo ou a cova às ações criminosas de um terceiro (agente do delito). A cova tem de ser completamente escavada até estar vazia e as bordas limpas. Uma escavação mais profunda ou assistemática poderá prejudicar a análise do local.

O conteúdo da cova é normalmente removido com espátula. Quando esse conteúdo possui camadas, estas irão ser removidas individualmente pelo arqueólogo. Se não existirem camadas observáveis, o conteúdo da cova é escavado numa série de “estratos”, normalmente com 10 cm de profundidade, de modo a proporcionar uma remoção controlada desse conteúdo. Camadas ou estratos da cova serão numerados para o seu controle, devendo estar relacionados com as camadas ou estratos da matriz de solo em questão. Isso garante que vestígios sejam adequadamente associados com todas as camadas em que ocorreram e que o conteúdo da cova possa ser reconstruído espacialmente. Os números dos estratos ou das camadas também devem ser colocados no perfil (secção) para que haja uma relação direta. O ideal é que todo o solo ou preenchimento removido seja preservado,

acionado de acordo com o número da camada ou estrato e levado para peneiramento. O corpo normalmente é exposto na sua totalidade, antes do seu mapeamento.

Pelo motivo de a Arqueologia propiciar um exercício destrutivo e um processo de registro abrangente, sempre que possível deve ser planejado em três dimensões. O contorno da cova é, normalmente, mapeado com referência aos pontos-base, permanentes no nível do solo, a fim de que ele possa ser transferido, no futuro, a uma planta baixa do enterramento, que é elaborada com o uso de convenções gráficas, tais como contornos ou hachuras. Fotografias devem também ser obtidas. Durante a escavação, os seguintes tipos de perguntas podem ser feitas e respondidas:

- Como a cova foi escavada e com quais instrumentos?
- A cova foi escavada com pressa ou foi cuidadosamente preparada?
- Existe alguma evidência na cova que indique a causa e a forma da morte?
- Há possibilidade da presença de vestígios de crime doloso na cova?
- Existe material estranho no preenchimento da cova e de onde se originou?

1.5 NÃO É UM ENTERRAMENTO?

104

Em alguns aspectos, este é um problema maior do que encontrar um corpo completo ou um corpo enterrado em pedaços. Se não houver nenhuma linha de cova evidente, parece que o osso (ou ossos) faz parte de uma dispersão mais ampla de material humano desarticulado que de alguma forma se tornou encapsulado numa camada específica. Isso acontece muitas vezes inconscientemente pela remoção do solo de um cemitério antigo ou pela transferência de solo que já continha restos enterrados para fins de construção ou paisagismo. Os restos humanos, nesse contexto, estão bem perturbados e, muitas vezes, consistem apenas de partes de grandes ossos dos membros, costelas ou talvez o crânio, que são resistentes o suficiente para sobreviver. O problema está na tentativa de descobrir se há mais alguns ossos ou de onde eles vieram. Isso requer uma pequena escavação, provavelmente de 2 x 2m, a fim de procurar peças adicionais por remoção de camadas até alcançar a camada na qual os ossos foram encontrados.

Ossos dispersos que aparecem no solo representam um motivo de preocupação, porque podem indicar a dispersão de um corpo originalmente deitado sobre a superfície do solo, cujos restos tornaram-se desarticulados pela ação animal e que foi enterrado através de processos naturais. Nesses casos, pode ser necessário escavar uma área mais ampla para evitar um mal estar da população no caso de ossos adicionais virem à luz.

Nas camadas mais inferiores, a experiência tem mostrado que esse problema é menos recorrente. É improvável que o problema do aparecimento de ossos isolados que não ocorrem em uma secção do enterramento seja resolvido de forma satisfatória. Pode, no entanto, acontecer que na camada em que ocorrem podem ser relacionados com a construção de um edifício ou a redeposição de solo, no caso de poder haver algum potencial na investigação sobre a origem da camada de solo. No entanto, na ausência de outros restos na área de 2 x 2 m, é logisticamente impraticável prosseguir. Não há limites reais para abrir uma grande área no futuro e não há garantia de que qualquer outro osso seja encontrado. No caso de não ter sido provada a inexistência real de um enterramento (ou seja, sem abertura da cova e outros materiais associados), a investigação pode se tornar ineficiente. Quando não está claro o local ou camada de origem do osso, este poderá ser enviado para um laboratório comercial de datação radiocarbônica para que seja dada uma determinação provável de antiguidade ou modernidade do mesmo.

2. INVESTIGAÇÃO DE LOCAIS COM ENTERRAMENTOS ORIGINADOS DE PERTURBAÇÕES NO SOLO

A investigação ocorre pelo resultado de informações sobre um local onde uma pessoa afirma ter testemunhado um enterramento criminoso. Outros exemplos incluem aqueles locais onde uma pessoa desapareceu e onde há distúrbios no terreno que precisam ser verificados. Esses distúrbios do solo podem ser observados a partir de pesquisas que utilizam métodos de levantamento geofísico ou fotografia aérea. Esses métodos possibilitam identificar anomalias, e a busca está, então, amparada no compromisso de investigar cada anomalia. Há, no entanto, métodos de investigação mais rápidos que podem ser implantados.

105

2.1 TESTES NO TERRENO

Isso pode ser obtido simplesmente pela escavação de uma pequena vala (máximo de 50 cm de largura) junto da perturbação ou suposta localização. Essa vala pode ser aberta rapidamente e em profundidade de forma segura, com uso de enxada, antes de ser iniciada a remoção dos sedimentos de forma metódica. Estes serão removidos em camadas, ou em estratos de 10 centímetros se não existirem camadas naturais e as mesmas não estiverem revolvidas. O enterramento não será encontrado rapidamente, e poucos danos serão causados devido à estreita área escavada e do método utilizado.

Caso não tenha ocorrido enterro algum, solos duros e não perturbados vão ser rapidamente identificados e a investigação pode cessar. Esta é uma convenção prática e rápida entre testar uma alegação e recuperar evidências cuidadosamente, mas pode requerer um arqueólogo

ou alguém familiarizado com a forma como os solos são formados para confirmar se são solos naturais não perturbados ou que tenham sido perturbados.

2.2 ENCONTRANDO UM ENTERRAMENTO

Quando a identificação de um enterramento é positiva, o arqueólogo irá adotar uma estratégia diferente e retirar uma área de superfície razoável, normalmente com cerca de 3 x 2 m, a fim de identificar o contorno total da perturbação causada pelo enterramento no solo. A definição dessa área de perturbação crítica possibilita a definição dos limites do solo dentro do qual ocorrem as provas forenses. Uma vez que o contorno da cova foi identificado, torna-se possível a utilização de um dos dois lados da trincheira-teste como um perfil formal (secção) do enterramento. A partir de uma superfície exposta, o arqueólogo poderá escavar sistematicamente a outra metade do enterramento conforme os métodos sugeridos, utilizando camadas e estratos associados em uma parte completamente descoberta do enterramento. Nesse ponto, a secção vertical exposta pode ser limpa e registrada. A vantagem disso é que a secção que fornece evidência visível sobre a forma como a sepultura foi preenchida será destruída quando a outra metade da sepultura for posteriormente escavada. Uma vez que isso tenha sido concluído e o corpo removido, pode haver mais depósitos revelados abaixo do corpo, mas estes ainda se encontrarão dentro do corte da sepultura e serão susceptíveis de conter material que tenha caído do corpo ou das vestes durante o processo de decomposição. Estes podem incluir conteúdos pessoais em bolsos, joias ou até mesmo projéteis, com um amplo potencial de identificação ou implicações forenses. A remoção dessa camada e a limpeza dos lados da sepultura concluem o processo de recuperação. Qualquer trabalho de escavação que vai além dos limites da própria sepultura vai correr o risco de grave contaminação. A única exceção aqui é a obtenção de amostragem de provas que possam ter penetrado no enterramento pelos lados e por baixo das camadas inferiores, especialmente em análises toxicológicas.

106

Uma vez que o trabalho de escavação terminou e o corpo foi removido, o arqueólogo irá produzir uma planta do enterramento, incluindo um perfil e um desenho em escala que ilustra as dimensões gerais e inclinação dos lados da sepultura (Figura 2). Isso servirá como um registro permanente quando o enterramento for finalmente preenchido ou destruído. No laboratório pode ser necessário peneirar os sedimentos das camadas individualmente ou de amostras de solo recuperadas para mais uma prova, talvez vestígios de fibras, embalagens, pontas de cigarro ou papel relacionado ao infrator que penetraram na cova durante o seu preenchimento acidentalmente ou deliberadamente.

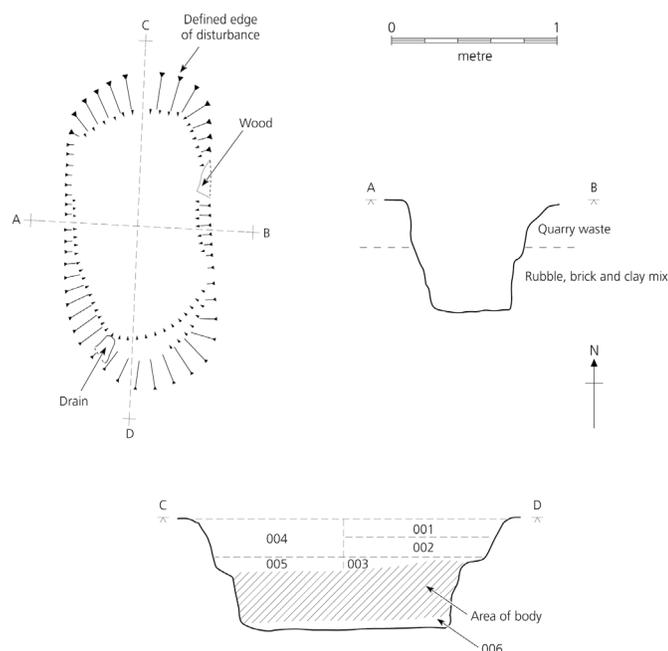


Figura 2: Plano de escavação de um enterramento e secções através da sepultura.

107

Durante todo o processo, existem algumas regras importantes a seguir. Cada uma delas reflete o fato de que a intervenção arqueológica é destrutiva. Em todos os casos, os seguintes pontos essenciais aplicam-se:

- Não retirar nada da sua posição até a finalização do seu registro.
- Não escavar sem ajuda especializada, a menos que seja absolutamente necessário.
- Não pisar em torno da área do enterramento.

O uso de técnicas arqueológicas em determinadas investigações criminais é muito recomendado. Elas podem fornecer provas essenciais, entretanto há somente uma oportunidade para aplicá-las corretamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASS, W. M. *Human osteology: a laboratory and field manual of the human skeleton*. Columbia: Missouri Archaeological Society (última edição), 1992.

CONNOR, M.A. *Forensic Methods: Excavation for the Archaeologist and Investigator*. New York: Altamira Press, 2007.

DUPRAS, T. L.; SCHULTZ, J. J.; WHEELER, S. M.; WILLIAMS, L.J. *Forensic Recovery of Human Remains*. Boca Raton: CRC Press, 2006.

HAGLUND, W. D.; SORG, M. H. (eds). *Forensic Taphonomy: the Postmortem fate of Human Remains*, Boca Raton: CRC Press, 1997.

HAGLUND, W. D.; SORG, M. H. (eds). *Advances in Forensic Taphonomy*, Boca Raton: CRC Press, 2001.

HUNTER, J. R.; COX, M. *Forensic Archaeology: Advances in Theory and Practice*. London: Routledge, 2005.

HUNTER, J. R.; MARTIN, A.; ROBERTS, C. A. R. (eds.). *Studies in Crime: An Introduction to Forensic Archaeology*. London: Batsford, 1995.

KILLAM, E. W. *The detection of human remains*. Springfield: Charles C. Thomas, 1990.

REICHS, K. *Forensic Osteology: Advances in the Identification of Human Remains*. Springfield: Charles C. Thomas, 1998.

WHITE, T. D. *Human Osteology*. 2. ed. London: Academic Press, 2000.